

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO HUMANA: FACES DA MESMA MOEDA NUMA CONSTRUÇÃO AUTO-GESTORA, INTERDISCIPLINAR NA BUSCA DO IDEAL FORMATIVO

MELO E SILVA, Signe Dayse Castro de – UFPB¹
signedayse@yahoo.com.br

Área Temática: Profissionalização Docente e Formação
Agência Financiadora: PRG/PRAC/UFPB

Resumo

As formações educacional e profissional não garantem a formação do caráter humano. Ser um bom profissional, ou um bom professor, não significa, necessariamente, ser ou ter um bom caráter. Compreender as dinâmicas da formação humana no processo de auto-gestão da carreira docente, a partir da leitura, reflexão e discussão de autores como Erich Fromm, Carl Gustav Jung, Immanuel Kant e Neidson Rodrigues, tornou-se o objetivo e a tônica do trabalho interdisciplinar de um grupo de professores da educação superior, preocupados com a necessidade de resgate do caráter formativo da educação. Através de encontros semanais e da proposição de ações interdisciplinares, fundamentados na tese de Pedro Demo de “educar pela pesquisa”, vêm fazendo a “diferença” na formação de profissionais que atuarão na área de turismo, com visões mais sustentadas e sustentáveis das relações homem-meio e homem-homem.

Palavras-chave: Formação Humana; Profissionalização; Pesquisa; Interdisciplinaridade.

Introdução

A profissionalização docente tem sido objeto de inúmeros eventos, grupos de trabalho e publicações no decorrer dos últimos vinte anos. Educar um profissional da educação já não apresenta mistérios, mas quando o assunto é “formar” e, ainda mais, quando os processos formativos passam a ser o elemento divisor ou não-agregador da ação docente, cai-se num campo coberto de subjetividades e lacunas que tendem a não serem aprofundadas.

As próprias conjunturas da contemporaneidade, o fenômeno da globalização e a investida galopante do modo de produção capitalista, estão levando a raça humana a um modo de vida muito distante do que a humanidade louvou durante séculos, na *pólis* grega.

¹ Pedagoga, Especialista em Planejamento Educacional e Administração Escolar. Bacharel em Turismo, Mestre em Gestão e Planejamento Ambiental. Professora do Curso de Bacharelado em Turismo a UFPB. Coordenadora do Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Educação no Turismo – Professor Pedro Demo/GEDET e Membro do GP/CNPq/UFPB/LABTUR – “Desenvolvimento, Planejamento e Turismo”.

Hoje, ser professor volta a ser um desafio e uma missão humanitária, onde os conhecimentos e habilidades possuem menos valor que as atitudes e a maneira com a qual o professor orienta seu alunado a ver e conviver com o mundo. Desta feita, este artigo propõe uma reflexão sobre a formação humana, que aqui teria suas energias reflexas na ação docente, mas que poderiam ser elementos alicerçadores de qualquer área do conhecimento ou campo laboral.

Reflexões Preliminares de Caráter Alentador

Conhece-te a ti mesmo! Ou *Nosce te ipsum!*

Desde a ida de Sócrates ao santuário de Apolo em Delfos, na busca das palavras de sabedoria do oráculo, repousa sobre a humanidade uma inquietação: quem somos nós? Conhecemo-nos? O que sabemos? E embora estes questionamentos transcendam a passagem de muitos séculos, e muitos seres humanos jamais tenham se detido em conhecer a essências das coisas, dos fatos e das pessoas, a filosofia acolheu Sócrates como seu patrono por jamais se contentar com opiniões estabelecidas, crenças sem questionamentos ou preconceitos de sua época. Por questionar seu povo, e deixando-os embaraçados muitas vezes, levava-os a tal ponto que concluíam não saber o que significava, o que antes lhes pareciam verdades absolutas. Perguntar “o que é?” significava questionar algo até o além de sua realidade essencial e profunda, para além das aparências (CHAUÍ, 2006, p. 11). Conhecer-se a si mesmo, seria o grande desafio postulado aos homens, em todos os tempos.

Para Sócrates corpo e alma só poderiam ser concebidos juntos, como dois aspectos da natureza humana, ou sua essência, sendo apenas este o fator que o diferenciava dos outros seres. Saber-se físico, social e intelectualmente não seriam suficientes. Não caberia conhecer apenas o corpo, mas as alamedas em que a alma humana transitava na busca da formação do ser integral, o homem definido como um ser racional, um animal social, um animal que pode fazer instrumentos ou um animal capaz de fazer símbolos (FROMM, 1987, p. 296). O psíquico não se opõe ao físico e ainda englobando o espiritual, se transformando essencialmente e, embora Sócrates não concebesse o monopólio do homem sobre o espírito, acreditava que a natureza humana, hospedeira de tal espiritualidade em lugar próprio teria de desenvolver uma força espiritual. Daí a designação dos Gregos *arete*, ou as *aretais*, ou as virtudes, que também podem ser vistas na perspectiva da analogia da alma com o corpo. A *polis* grega associa a bravura, a ponderação, à justiça e a piedade como virtudes e excelências

da alma, da mesma maneira que saúde, força e beleza são virtudes do corpo. Virtudes físicas e espirituais são simétricas e corpo e alma se assentam sobre elas (JAEGER, 2001, p. 78).

Sobre a alma humana, Aristóteles concebeu-a em três dimensões, distintas por definição, mas inseparáveis por natureza: a parte racional, a parte irracional e a desiderativa. A parte racional que corresponde à razão em si; a parte irracional presente em todas as espécies vivas e a parte desiderativa, que se correlaciona ao irracional da alma, porém participa da razão, podendo ou não, obedecê-la. Aristóteles ainda afirma que o elemento irracional é persuadido pela razão e da mesma forma que o aconselha, exorta-o e censura-o. Quanto às virtudes, Aristóteles, diz se dividirem em espécies e serem hábitos dignos de louvor: as intelectuais, a sabedoria filosófica, a compreensão, a sabedoria prática; e, ainda, as morais, a liberalidade e a temperança (ARISTÓTELES, 1987, p. 23-4).

No entanto, é a partir de Descartes, que o conceito de autonomia do eu passou a motivar reflexões filosóficas, apresentando-se como uma antítese à socialização, o indivíduo. Para os filósofos do século dezanove, o indivíduo isoladamente ou complementarmente à sociedade, apresentava-se como um conceito idealista da subjetividade. Para Boécio *apud* Adorno e Horkheimer indivíduo é aquele que não pode ser subdividido como a Unidade ou o Espírito, não pode ser dividido como o aço e é aquele cuja predicção própria não se identifica com outros semelhantes. Boécio ainda diz ser “como Sócrates” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 46).

Adorno e Horkheimer, no entanto, ainda afirmam que a vida humana é essencialmente convivência, pondo em dúvida o conceito de indivíduo como unidade social fundamental, considerando ser o homem para os outros, seus semelhantes, sendo por eles o que é, sua definição de indivisibilidade e unicidade seriam, ao contrário, de uma participação e comunicação necessárias. Para eles, antes de ser indivíduo o homem é um dos semelhantes, relacionando-se com os outros antes de referir-se ao eu. No entanto, tudo se expressando através do conceito de pessoa, ou *persona*, que segundo Cícero, é a máscara do personagem com que alguém se apresenta diante dos outros. Só seriam indivíduos os que se diferenciam dos interesses dos outros se fazendo substância de si mesmos.

Válido é ressaltar que apenas no século dezoito a palavra “indivíduo” passaria a designar o homem singular e, não apenas a palavra em si, mas o ser indivíduo começa a aparecer no acordar do Renascimento. Embora a consciência do ser indivíduo tenha mudado os paradigmas existenciais é em Hegel *apud* Adorno e Horkheimer que nasce o conceito de

autoconsciência como sendo “a verdade da consciência do próprio eu”, no entanto “a sua satisfação só é alcançada numa outra consciência”. Para Hegel, “o eu somos nós e nós o eu” e “o trabalho do indivíduo para suas necessidades tanto é satisfação das suas necessidades como das dos outros; e a satisfação de suas necessidades só é conseguida em virtude do trabalho dos outros” (*Ibid.* p. 52).

Importante, ainda, é lembrar o que Marx e Freud colocam como sendo consciência, para adentrar-se aos conceitos de individualidade e individuação. Para Marx *apud* Iasi (2007, p. 13), “a consciência é naturalmente, antes de mais nada, mera conexão limitada com as outras pessoas e coisas situadas fora do indivíduo que se torna consciente”. Freud também diria que “o processo de algo tornar-se consciente está, acima de tudo, ligado às percepções que nossos órgãos sensoriais recebem do mundo externo” (*Ibid.* p. 14). A consciência seria “uma realidade externa que se interioriza”. Qualquer que sejam estas realidades externas, desde o nascimento do ser humano, comporiam os elementos de contínua formação do ser, enquanto indivíduo, consciente de seus desejos, aspirações, limites.

Freud, através de seus estudos sobre as primeiras formas de consciência, clarifica o movimento de entificação² do ser humano a partir da interação com o mundo externo e a conseqüente formação do psiquismo, a estrutura básica do universo subjetivo do indivíduo. Para Freud a criança nasce trazendo ao mundo apenas instintos que se originam de organização somática, o ID. Através da “influência do mundo externo que nos cerca, uma porção do ID sofre um desenvolvimento especial (...) que atua como intermediário entre o ID e o mundo externo, o EGO” (*Ibid.* p. 16). Nas relações com o mundo externo e através da intermediação do EGO com o mesmo, surge o princípio do prazer. No entanto, é pela interação com os pais que o EGO, na busca do prazer e evitando o desprazer, e prolongando a influência parental determina o aparecimento do SUPEREGO. Os pais seriam responsáveis não apenas pela transferência de características de suas personalidades, mas intermediariam informações sobre a família, as tradições e as exigências do meio social em que vivem e representam. E não apenas estas, mas valores, normas, padrões de conduta e concepções, passariam a compor o universo psíquico do ser humano, favorecendo, inclusive, sua particular concepção de mundo.

Jung, um século depois do que posto por Hegel, a verdade da consciência do próprio eu, provocaria reflexões sobre as diferenças entre individualidade e individuação da seguinte

² Segundo Iasi, termo filosófico que designa o processo de algo tornar-se o que é.

forma: a primeira significando acentuar e dar ênfase deliberada a peculiaridades em oposição a considerações e obrigações coletivas, enquanto que a segunda significa a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano. A individuação significa um processo psicológico que permite a realização de qualidades individuais. O indivíduo humano é composto de fatores universais, que se apresentam de forma individual, e que considerados plenamente produzem um efeito individual. Ao contrário da meta precípua da individuação que é despojar-se da *persona*, e seus falsos si-mesmos, em busca de uma consciência voltada ao coletivo (JUNG, 2003, p. 49).

Enfim Fromm, em duas de suas mais excepcionais obras³, propõe profícuas discussões sobre o caráter do homem e como este o transformaria em indivíduos virtuosos ou destrutivos, como no caso clínico estudado por ele, o de Adolf Hitler. Fromm estabelece uma concepção dinâmica do caráter e os identifica a partir de duas categorias, a de orientações improdutivas e a de orientações produtivas. Quanto às orientações improdutivas, são de quatro tipos: a orientação receptiva, onde a fonte de todo o bem está fora de si e o problema é ser amado e não amar, esperando-se continuamente a dádiva do outro para ser feliz; a orientação exploradora, que difere da primeira apenas por fazer uso da força e da astúcia para tirar algo do outro; a orientação acumulativa, voltada à acumulação de bens, sentimentos e pensamentos, de forma avarenta; e a orientação mercantil, sofredora de forte influência dos movimentos do mercado e seus apelos.

Já no que se refere às orientações produtivas, apresentam-se como: características gerais, ou reações mentais, emocionais e sensoriais aos outros, a si e aos objetos; de amor e pensamentos produtivos, sendo o amor caracterizado por desvelo, responsabilidade, respeito e conhecimento e, pensamentos produtivos, pela objetividade, respeito e pela capacidade de ver o objeto de desejo como ele o é, e não como se quisesse que fosse.

Além destes elementos constitutivos da formação do caráter humano, Fromm ainda sinaliza para orientações no processo de socialização, através de três tipos de relacionamentos interpessoais: o relacionamento simbiótico, absorvente e absorvedor; o afastamento destrutivo, de tudo que se constitua ameaça, e, finalmente, o amor. Finaliza com as combinações de várias orientações, como sendo o ponto de equilíbrio, a capacidade de aceitar as coisas dos outros, economizar, permutar, seguir autoridade, dirigir outros, ficar só e

³ Análise do Homem (1981) e Anatomia da Destrutividade Humana (1987).

afirmar-se, considerando-se os elementos dominantes como determinantes do caráter do indivíduo.

Além destas, ainda sugere quatro condições para o desenvolvimento das paixões vinculadas ao caráter: as condições neurofisiológicas, as condições sociais, as condições sobre a racionalidade e a irracionalidade dos instintos e das paixões e, por último, a função psíquica das paixões. Ele ressalta que a destrutividade é uma resposta às necessidades psíquicas do homem, e só dele, uma vez que apenas o homem é capaz de matar e torturar e sentir prazer ao proceder desta maneira. Lembra, ainda, que Darwin mostrava-se à sua época muito consciente, que o homem caracterizava-se não apenas por atributos físicos, mas também os psíquicos, que segundo o próprio Fromm, em sua essência o *Homo sapiens* era definido em termos morfológicos, anatômicos, fisiológicos e neurológicos, não se excetuando a mente deste processo de definição.

Darwin, em seu livro *The Descent of Man* parafraseado por G.G. Simpson, em 1949 (*Apud* FROMM, 1987, p. 298), indica os atributos psíquicos do homem, aqui transcritos na íntegra pela pertinência e importância:

Em proporção à sua inteligência superior, o comportamento do homem é mais flexível, menos reflexo ou instintivo. O homem compartilha tais fatores complexos como a curiosidade, a imitação, a atenção, a memória e a imaginação com os outros animais relativamente avançados, mas os tem em grau superior e os aplica segundo maneiras mais diversificadas. Mais, pelo menos, do que os outros animais, o homem raciocina e melhora a natureza adaptativa de seu comportamento segundo maneiras racionais. O homem tanto se utiliza dos instrumentos como os fabrica numa grande variedade. O homem é autoconsciente: reflete sobre o seu passado, seu futuro, sobre a vida, a morte, e assim por diante. O homem elabora abstrações mentais e desenvolve um simbolismo correlacionado; o resultado mais essencial e mais complexamente desenvolvido dessas capacidades é a linguagem. Alguns homens possuem o sentido da beleza. A maior parte dos homens tem senso religioso, tomando-se esse termo em sentido amplo, para o fim de incluir-se o temor, a superstição, a crença no mundo animístico, sobrenatural ou espiritual. Os homens normais têm senso moral; em outros termos, o homem elabora doutrinas éticas. O homem é um animal cultural e social e tem produzido culturas e sociedades singulares em espécie e em complexidade.

E, embora Darwin tenha apenas descrito não sistematicamente os componentes apresentados, e não tenha incluído em sua lista paixões e emoções humanas tais como ternura, amor, ódio, crueldade, sadismo, masoquismo, ele apresenta como instintos outros componentes. Segundo Fromm, para ele (C. Darwin, (1946) *apud* FROMM, 1987, p. 299),

homens e animais especialmente os primatas, apresentam alguns poucos instintos em comum. Todos têm os mesmos sentidos, as mesmas intuições, as mesmas sensações, paixões idênticas, afeições e emoções, até mesmo as mais complexas

como o ciúme, a desconfiança, a emulação, a gratidão e a magnanimidade: exercem a fraude e são vingativos; são, algumas vezes, susceptíveis ao ridículo e chegam mesmo a ter sendo de humor; sentem admiração e curiosidade; possuem as mesmas faculdades de imitação, de associação de idéias e raciocinam embora em graus bastante diferentes.

No entanto, nos dias de hoje não se pode mais encontrar apoio nos ditos de Darwin. O que caracteriza o homem são singularidades relativas ao seu lugar na natureza, que em sua significação não são definidos por sua animalidade e sim por sua humanidade. Daí a necessidade de referências na trajetória da formação do caráter do homem. Fromm sugere um quadro de orientação e devoção, capaz de norteá-lo segundo a autoconsciência, a razão e a imaginação. O quadro é uma necessidade e mesmo tendo-o, alguns estudiosos não compreendem os motivos pelos quais muitos seres humanos caem sob o domínio de pessoas e doutrinas irracionais, quando, aos orientados pelo quadro, seria imponderável seguir estas doutrinas.

Este quadro de orientação e devoção é composto das seguintes categorias: enraizamento, relacionado com os processos de desvinculação da figura materna e suas representações, ocorrendo no caso contrário à desvinculação, o sadismo, o masoquismo ou o narcisismo; unidade, através do desenvolvimento da razão e do amor, tendo como contrário, as ocorrências de vícios, orgias sexuais, jejum, danças, ou outros rituais; eficácia, onde o homem seja capaz de ser apto a fazer algo, de “deixar a sua marca” no que faz, apresentando-se como contrário a esta capacidade tendências às drogas, manias, compulsões crueldades e crimes; excitação e estimulação, ativas e produtivas, e que impulsionam o homem a realizar coisas, manifestando-se de forma contrária às estes estímulos uma das piores formas de agressão, a destrutividade e a crueldade; tédio ou depressão crônica, que possuem relações diretas com a falta de excitação ou estimulação, apresentando-se em casos extremos na forma de depressão crônica; e, por fim, a estrutura do caráter, caracterizada pela energia humana organizada em busca de objetivos.

Seriam estes os “pontos de partida” para a construção de um caráter, que ainda, finaliza ele, é “o sistema relativamente permanente de todas as forças não-instintivas através do qual o homem vincula-se ao mundo humano e natural. [...] o substitutivo humano para os instintos animais ausentes; é a segunda natureza do homem. [...] o que teriam em comum suas impulsões orgânicas e necessidades existenciais; O que não têm em comum são espécies de paixões dominantes em seu respectivo caráter” (*Ibid.* p. 306).

Não se encerrariam aqui as considerações a respeito do homem, caráter, virtudes. Foram muitos os filósofos antigos que buscaram as significações destes elementos, seus sentidos e a forma como os mesmos provocaram mudanças sensíveis no decorrer da história da raça humana, em seus agrupamentos, em suas trajetórias. No entanto, o que está posto como uma construção social iniciada pelas mãos da família e, em especial, dos pais, a partir da civilização grega e do modo como transmitiam às novas gerações seus ensinamentos, tradições e ritos, revisita-se num caminho sem fim na compreensão da arte de educar.

Foram os gregos que através de um movimento espiritual especial deixaram à posteridade a origem, conceitos e sinais relativos a uma educação no seu sentido estrito, a *paidéia*, a idéia grega e unitária da formação humana e, embora a palavra *paidéia* tenha um simples significado, *paidos* = criança ou “criação de meninos”, o legado deixado pelos gregos e helenos através desta prática não só mudaram como direcionaram toda a história da educação até os dias de hoje. O ideal da *paidéia* não era ensinar um ofício, mas a liberdade e a nobreza, fazendo com que o jovem pudesse ser bom tanto na condição de governo como na de governado (JAEGER, 2001, p. 335).

Cabe aqui, então, um questionamento impulsionador do rumo que se há de seguir deste ponto em diante, que poderia ser interpretado como a problemática destas considerações e do tema proposto: Quais os fatores determinantes da formação humana ou do caráter do homem, que no decorrer de sua história refletem seus pensamentos, suas relações com o outro, seu modo de vida e formas de trabalho, de maneira que a sua ação seja singular na perspectiva da promoção da educação formativa e do desenvolvimento de uma comunidade em detrimento de mudanças nos rumos da economia e da política atuais?

Ora, estas concepções buscam o enfrentamento da educação posta como utilitarista e pragmática e que se constitui em predomínio na ordem política e social dos dias de hoje. Se por um lado o avanço de tecnologias e o conhecimento cada vez mais acessível possibilitam desigualdades sociais cada vez mais gritantes, por outro, a busca de mecanismos de sobrevivência pacífica entre os povos, impulsiona o mundo para uma nova educação possível, onde não apenas conhecimentos e habilidades, mas as atitudes possam fazer o diferencial na formação humana, e, por conseqüência, no modo de viver dos seres humanos.

O que seria, então, a educação? Como se dá o processo de formação? Quais as interfaces e similaridades entre estas duas categorias? São perguntas que ao serem respondidas acendem luzes que iluminam as possibilidades de vivermos com homens que

deixando suas marcas, mudariam suas próprias vidas e de seus pares. Segundo Rodrigues (2001, P. 234), a educação tem como missão precípua “preparar os indivíduos para a vida social” e, ainda, “formar os indivíduos para o exercício da cidadania”. Por sua vez, Kant (1996, p. 11) diz que “o homem é a única criatura que precisa ser educada” e mais, “o homem não pode se tornar homem senão pela educação” (*Ibid.* p. 15). Ter-se-iam aqui quatro assertivas que impulsionam as relações do homem com a educação como fundamentais.

Sim, a educação é essencial, mas não garante que o homem seja formado. Para a compreensão desta disparidade faz-se necessário conceituar educação e formação. De acordo com Rodrigues (2001, p. 235) a “ação educativa é um processo regular, desenvolvido em todas as sociedades humanas, objetivando preparar indivíduos, para assumirem papéis sociais, relacionados à vida coletiva” estes papéis iriam da “reprodução das condições de existência, ao comportamento justo, além do uso adequado de conhecimentos e habilidades, no tempo e no espaço onde a vida se realiza”. Segundo o autor, a educação ainda possuiria instrumentos que, dotados aos educandos, possibilitariam aos mesmos a organização de conhecimentos e habilidades, preparação para o trabalho, acesso ao desenvolvimento tecnológico e participação crítica na vida política. Já a formação, é vista pelo autor como produto de uma ação formadora completa e caracteriza-se por uma consciência de liberdade, de igualdade, de participação e de disciplina da vontade, [...] a compreensão de princípios e valores como a tolerância, a cooperação, a solidariedade, a humildade, o respeito e a justiça. Rodrigues ainda sintetiza: “A educação possibilita a cada indivíduo a capacidade de auto-conduzir o seu próprio processo formativo (*Ibid.* p. 241)”.

Kant disse que “por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo” (1996, p. 11) e, ainda, “a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações (*Ibid.* p. 19)” e finaliza: “na educação o homem deve, portanto: ser disciplinado, tornar-se culto, prudente e cuidar da moralização (*Ibid.* p. 27)”. Percebe-se que todas as categorias destacadas estão voltadas a uma educação integral que transita do infante ao adulto. Kant ainda sinaliza para a abrangência da educação como sendo relacionada aos cuidados e à formação, sendo negativa na forma de disciplina, a qual impediria os defeitos e, positiva, na forma de instrução e direcionamento (*Ibid.* p. 31).

Por fim Kant divide a educação em dois campos distintos, mas correlatos: a educação física, que cuida do corpo e das necessidades e vontades primárias da criança e do adolescente

e a educação prática, centrada no desenvolvimento das habilidades, da prudência e da moralidade. Esta educação, como formativa, tendo como culminância orientar ao jovem sobre a necessidade de todos os dias examinarem, a sua conduta, para que ao fim de suas vidas possa apreciar o valor da mesma!

Educação para a Formação, Auto-Gestão e a Busca do Ideal Formativo

Transgredimos, sim! Em primeiro lugar por discutir textos de tamanha magnitude e profundidade, naturalmente comuns ao universo da formação de educadores, num curso de bacharelado em turismo, com docentes altamente qualificados, mas, no que tange as demandas e ferramentais técnicos. “Os brutos também amam!”

Em segundo lugar, por fazê-lo em uma universidade pública ainda engessada em paradigmas positivistas e cartesianos, impeditivos, por natureza, de ações conjuntas e inter-multi-transdisciplinares.

A idéia central do processo era estudar e o *modus operandi*, em grupo, seis pessoas com histórias, experiências, valores e virtudes distintas. O local, as instalações, anteriormente ociosas, de um laboratório de pesquisa do curso de graduação, onde os professores lecionam. Os fundamentos teóricos, escolhidos a partir do conhecimento prévio, da curiosidade ou apenas do desejo de conhecer e, os autores, teóricos como Erich Fromm (1981 e 1987), Carl Gustav Jung (2003), Immanuel Kant (1996) e Neidson Rodrigues (2001). A energia produtiva, encontrada em Pedro Demo (2003) e a educação pela pesquisa.

No decorrer de seis meses de trabalho alguns registros podem ser feitos e considerados como resultados positivos: primeiro, as atuações dos docentes têm ocorrido de forma sincronizada, com discursos lapidados e respeitosos aos divisores de águas nas sobreposições de idéias e conteúdos, evitando-se os repetições e perdas de tempo; segundo, a ajuda mútua vem diminuindo o trabalho excessivo, inclusive o re-trabalho, uma vez que o contato direto dos professores e os diálogos produtivos corrigem falhas de comunicação em tempo real, abrem as janelas dos projetos coletivos e individuais, ao outro; terceiro, o alunado passou a perceber mudanças de comportamento e produtividade nos docentes e têm procurado estar por perto, por perceber que o “clima” de aprendizado está diferente; quarto, o interesse pelo “outro” tem se acentuado, favorecendo maior humanização nas atividades de caráter iminentemente técnico, interna e externamente ao grupo; quinto, e último, a produção científica cresceu numérica e qualitativamente. Professores e alunos vêm produzindo

pesquisas básicas e aplicadas, prestam serviços aos municípios sede e circunvizinhos, publicam trabalhos em eventos externos e estão organizando um evento interno, com a colaboração, claro, de todos os envolvidos no processo: professores, bolsistas, voluntários, colaboradores e membros da sociedade civil, num total de, aproximadamente, setenta pessoas.

Há apenas dois registros negativos e muito relevantes: primeiro, cinco dos docentes são substitutos, com contratos de tempo determinado, alguns se aproximando do fim destes contratos. Por conseqüência, muitas das horas de suas vidas têm sido dedicadas à prestação de provas em concursos, o que, em alguns momentos, sacrificam os encontros semanais. Neste momento, o grupo encontra-se para desenvolver estudos interdisciplinares apenas uma vez no mês, na quinta-feira, pela manhã. Nas três semanas que restam, trabalham em planejamento interdisciplinar, elaboração de eventos e atividades de campo e concepção de produtos e serviços. Em um futuro breve estarão lançando as sementes em outras searas.

Em segundo lugar, o espaço antigamente “ocioso”, do laboratório de pesquisa do curso, vem se tornando pequeno, em conseqüência do número cada vez mais freqüente e maior de estudantes em busca de fazer parte deste projeto. No entanto, não seria por falta de espaço que ação de tamanha magnitude se esvairia!

Considerações Finais

Querer é poder! E, hoje, este grupo de pioneiros na educação para a formação humana, nos cursos de turismo, está podendo marcar uma trajetória de mudança nas suas vidas e nas vidas de seus estudantes. As dificuldades são apenas pequenas pedras no caminho, contornadas, inclusive, com leituras de textos que sinalizam para síndromes e estresses adicionais, que podem, sim, ser dirimidos ou atenuados, com trabalho e harmonia.

Para o semestre que entra dois grandes projetos de pesquisa serão executados numa perspectiva participativa e de mobilização social, considerando as eleições para prefeito, que se aproximam. O grupo pretende “ouvir” a sociedade civil no que se referem as suas visões sobre o desenvolvimento humano a partir da sustentabilidade da atividade turística na região metropolitana do município sede.

Outro viés do trabalho para o semestre que se inicia é a observação sistemática de uma nova prática de turismo, a que ocorre em povos ou comunidades tradicionais, mantidos os hábitos e valores locais. Professores e estudantes, neste momento, percebem de forma mais

humana e crítica as possibilidades de metabolizar as relações entre uma atividade econômica e a manutenção de ritos e tradições.

A leitura de documentos que clarificam e norteiam o caminho do descobrimento de si próprios e do outro, tem facilitado e dirimido impasses nas relações interpessoais na medida em que paulatinamente, se tem descoberto formas e meios de agir, reagir e interagir.

Conhecer-se a si mesmo, tornou-se um imperativo!

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Indivíduo In: ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. Temas Básicos da Sociologia.* Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano.* Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Livros I e II (Coleção Os Pensadores).
- CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia.* 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos 13).
- _____. *Convite à Filosofia.* 13ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa princípio científico e educativo.* 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FROMM, Erich. *Análise do Homem.* 12ª ed. Tradução Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. *Anatomia da Destrutividade Humana.* Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre Consciência e Emancipação.* São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego.* Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente.* Tradução Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia.* Tradução Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1996.
- RODRIGUES, Neidson. *Educação: da formação humana à construção do sujeito ético.* Educação e Sociedade, Campinas, SP, v. 22, nº 76, 2001. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=educa%C3%A7%C3%A3o%3A+da+forma%C3%A7%C3%A3o+humana&btnG=Pesquisa+Google&meta=cr%3DcountryBR>